



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

PEDAGOGIA DOS COCAIS: DIÁLOGOS ENTRE SABERES

Kelly Almeida de Oliveira

Codó
2022



1 DESCRIÇÃO RESUMIDA

Este projeto de extensão tem como objetivo desenvolver práticas de alfabetização e letramento que considerem a articulação entre os saberes escolares e os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco babaçu, entre saberes tradicionais e alfabetização, paradigmas de identidade e raça. A sustentação teórica da pesquisa se constitui a partir dos Estudos Decoloniais, em que priorizamos Quijano (2005) e Mignolo (2003) no que se refere à colonialidade do saber e das Epistemologias do Sul na perspectiva de Santos (2009), mediado pelo método colaborativo na perspectiva de Desgagné (2007). A discussão acontece no campo da EJAI, para a qual utilizamos as contribuições de Freire (2001 B) e Arroyo (2000) na intersecção com a Educação Escolar Quilombola, na visão de Arruti (2017). Por isso, o público-alvo será composto por uma turma de EJA localizada na comunidade quilombola Laranjeira, no município de Aldeias Altas/MA que contenha Quebradeiras de coco matriculadas. Os saberes a serem cartografados são aqueles específicos da coleta, quebra do coco e produção do azeite de babaçu, pela qual identificaremos saberes sendo mobilizados por ocasião do processo de alfabetização. As evidências apontam que os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco são elementos epistemológicos que podem ser utilizados no engendramento de práticas de alfabetização e letramento, para promover a equidade racial na Educação Básica.

2 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA DO TEMA

Este projeto foi elaborado a partir da tese: "A docência entre o "cofo", o "cacete" e o "machado": cosmoperceber saberes com Quebradeiras de coco babaçu em processos de ensino e aprendizagens defendida em 25 de março de 2022, financiada pela Universidade Federal do Maranhão (AGEUFMA) e pela FAPEMA.

A proposta intitulada "Pedagogia dos cocais: diálogo entre saberes" é uma ação extensionista, orientada pelo princípio de equidade, visa promover a igualdade racial, considerando os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco como elemento epistemológico no engendramento de práticas de alfabetização e letramento, a considerar suas narrativas de vidas, na modalidade de Educação de pessoas jovens e adultas - EJA e Educação Escolar Quilombola, de forma democrática na perspectiva de formação cidadã (FREIRE, 2009). O objeto do conhecimento, a ser co-construído por pesquisadores, docentes e Quebradeiras de coco, está voltado para a articulação entre as práticas de alfabetização e letramento engendradas aos saberes tradicionais,



orientadas pela seguinte pergunta de pesquisa: Como desenvolver práticas de alfabetização e letramento que considerem a articulação entre os saberes escolares e os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco babaçu?

De acordo com os dados divulgados pelo IBGE em junho de 2019, O Brasil possui 11,3 milhões de pessoas que não sabem ler ou escrever acima de 15 anos, o que significa dizer que 6,8% da população acima de 15 anos não está alfabetizada. Embora tenha havido declínio em relação aos anos anteriores, a meta do Plano Nacional de Educação de reduzir essa taxa para 6,5% em 2015 não foi atingida e, a depender da ausência de políticas educacionais e ações afirmativas, tampouco conseguiremos erradicá-la até 2024.

O Maranhão está entre os Estados que não atingiram essa meta. É necessário investigar novas práticas pedagógicas que sejam capazes de problematizar diferentes paradigmas de ciência, conhecimento e saberes no processo ensino-aprendizagem, possibilitando articular os princípios de transdisciplinaridade e contextualização na Educação Básica, no Ensino Fundamental, na EJA e na Educação Escolar Quilombola.

Por meio deste projeto visamos abordar, de forma transdisciplinar a alfabetização e o letramento na modalidade Educação de pessoas jovens e adultas – EJA (FREIRE, 2001 A; 2001 B; 2008; 2009; ARROYO, 2000; 2004) e Educação Escolar Quilombola em articulação com os saberes tradicionais das Quebradeiras de coco em Laranjeira/Aldeais Altas no Maranhão.

A Educação de pessoas jovens e adultas - EJA, no Brasil, é fruto da luta de movimentos populares que remontam a década de 1960, e que veio a se constituir como um campo de estudo e pesquisa no último quartel do século XX. A EJA é um campo de luta pelo direito a escolarização ainda não consolidada em nosso país. Possui uma longa trajetória de lutas, avanços, retrocessos, pausas e recomeços, e que carece de uma visibilidade substantiva entre as pesquisas acadêmicas, as políticas públicas, a legislação educacional, a formação de professores e as práticas pedagógicas (ARROYO, 2011).

O direito à educação, tão propalado na Constituinte de 1988 não se efetivou no que tange à juventude e à vida adulta seja entre as populações tradicionais, seja entre os jovens pobres das periferias dos centros urbanos, haja vista, o cenário constante de indefinições, voluntarismos, campanhas emergenciais, ações assistencialistas e supletivas que marcam o campo da EJA. É expressivo o quantitativo da parcela da população que não teve (ou teve de forma precária) acesso à Educação Básica, principalmente, por se tratar de coletivos de trabalhadores urbanos e camponeses. Tal fato põe em xeque as ações tomadas pela sociedade, pelo Estado e pela Universidade na resolução dessa questão.



Nesse sentido, pesquisadores/as e autores/as negros/as brasileiros/as como Ribeiro (2019), Almeida (2018), Gomes (2012) contribuem para a problematização dos conceitos de raça, racismo estrutural e a discussão de novos paradigmas epistemológicos para a educação e desconstruir o mito da democracia racial no Brasil. Arruti (2017) discute o conceito de Educação Escolar Quilombola, tendo em vista que ser quilombola ou calhambola, adquiriu vários significados ao longo da história. De escravo fugitivo, durante a colonização, a sujeito de direitos, como disposto no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, foi um longo caminho, pelo qual “a identidade negra foi sendo tecida como instrumento de afirmação das próprias origens, de sua ancestralidade e de seus saberes” (FERREIRA, 2012, p. 647).

Essas considerações são importantes porque a constituição dos saberes de Quebradeiras de coco babaçu estão estritamente relacionados à existência de comunidades quilombolas no Maranhão. Desse modo, temos as contribuições de Almeida (2008); Shiraishi Neto (2006) e Porro et al. (2009) que, em conformidade com a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 1989 (BRASIL, 2004) e pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) instituída pelo Decreto nº 6.040/2007 (BRASIL, 2007), reconhecem as Quebradeiras de Coco como comunidades tradicionais.

As pessoas Quebradeiras de coco são aquelas e aqueles que, em sua maioria, não tiveram acesso à escolarização e não foram/estão alfabetizadas segundo o que Santos (2002) chama de conhecimento-regulação, pelo qual existe um padrão científico eurocêntrico que, ao longo de séculos de colonização na Ásia, África e América, subalternizou povos, com suas culturas e epistemologias por pertencerem ao Sul global. A este processo Mignolo (2005) chama de violência epistêmica.

Convém ressaltar que os saberes e fazeres das Quebradeiras, o local onde vivem, os modos de ser, se ver, pensar e estar no mundo são oriundos da diáspora forçada de seus ancestrais africanos. Dentre os saberes e fazeres das Quebradeiras, destacaremos, para este estudo, aqueles que são específicos da coleta, quebra do coco e produção do azeite de babaçu. Atividade pela qual identificaremos saberes sendo mobilizados por ocasião do processo de alfabetização, tais como os procedimentos utilizados para realizar a contagem dos cocos; a forma como estabelecem relações entre medidas de capacidade e volume bem como sua conservação, conversão e proporção; as noções que desenvolvem sobre o espaço e o tempo que habitam, trabalham, socializam; as relações que estabelecem com a terra, a palmeira e o coco, além, da eficiência dos cálculos monetários que realizam mentalmente.

A base epistemológica da pesquisa se constitui a partir dos Estudos Decoloniais, em que priorizaremos Quijano (2005) e Mignolo (2003) no que se refere à colonialidade do saber; para epistemologia africana, utilizaremos Fanon (2008, 2010); Gerdes (2010); Gerdes & Djebbar (2011) e Santos (2018) e das Epistemologias do Sul na perspectiva de Santos (2009). “A África tem um legado, não apenas na história, mas também nas ciências e tecnologias” (SANTOS, 2018, p. 90). Isso significa que é possível apreender saberes escolares tendo como referência saberes e fazeres advindos de etnias africanas, especialmente em comunidades remanescentes de quilombo no Brasil, pelo que a educação de pessoas jovens e adultas contribuirá para a decolonialidade do poder, do saber e do ser nessas comunidades (PÉREZ, 2014; FANON, 2008, 2010; GERDES & DJEBBAR, 2011; MIGNOLO, 2003; QUIJANO, 2005; SANTOS, 2009).

A alfabetização, nesse espaço, precisa ser entendida como processo aberto, de diálogo e, principalmente, de escuta, no qual dar voz às Quebradeiras de coco se torna mecanismo imprescindível. Pensamos o processo de alfabetização como um processo aberto, em construção, juntamente com as Quebradeiras de coco, em que elas não sejam nem passivas nem objeto, mas co-partícipes de uma alfabetização que seja “ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores” (FREIRE, 2001 A, p.47). Pensamos a alfabetização como “uma relação horizontal de A com B, [...] só o diálogo comunica” (FREIRE, 2009, p. 115), onde eu, como alfabetizadora, me permito aprender com as mulheres em processos de alfabetização. Uma alfabetização que se constrói, que não nasce pronta, que não se apresenta com manuais pré-concebidos, mas que se alinha com o ser e o saber-se Quebradeira de coco em sua relação de presença no e com o mundo. Pensamos uma alfabetização que projete os saberes e fazeres de Quebradeiras de coco para fora dos cativéis do colonialismo, do isolamento, da impotência, que dê voz, que faça ouvir, que rasgue o silêncio imposto pela racionalidade científica eurocêntrica e, que por isso, seja “um ato político, jamais como um que fazer neutro” (FREIRE, 2001 B, p. 58).

Seus saberes e fazeres constituíram-se e construíram-se nos campos, nas matas, nas florestas, ou seja, fora dos grandes centros urbanos, nas periferias do sistema educacional, à margem do conhecimento científico, como forma de sobrevivência (aspecto ontológico) e resistência (aspecto epistemológico). Nessa proposta, a interculturalidade crítica representa a construção de um projeto de existência, de vida “de e a partir das pessoas que sofreram uma experiência histórica de submissão e subalternização” (WALSH, 2007, p.8).

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

- Desenvolver práticas de alfabetização e letramento que considerem a articulação entre os saberes escolares e os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco.

3.2 Específicos

- Conhecer os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco babaçu;
- Analisar como saberes tradicionais de Quebradeiras de coco babaçu podem engendrar práticas de alfabetização e letramento de modo transdisciplinar a considerar o processo de narratividade de suas histórias de vidas;
- Associar atividades de produção de conhecimento e desenvolvimento profissional que considerem saberes tradicionais de Quebradeiras de coco;
- Promover ações afirmativas que despertem equidade racial na Educação Básica em Laranjeira/Aldeias Altas/MA.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DO PROJETO

A metodologia que compõe o projeto está organizada em três etapas. Para cada uma das fases está prevista uma metodologia específica. A primeira etapa corresponde aos três primeiros meses e se refere à consolidação da equipe de trabalho colaborativo, do público-alvo a ser atendido e do projeto. Cada etapa está subdividida em fases.

Na primeira fase da primeira etapa, procederemos à confirmação do grupo de trabalho colaborativo em relação aos componentes que participarão do projeto na condição de monitores, docentes formadores, assessores técnico-pedagógicos e Quebradeiras de coco. O grupo será composto por estudantes de licenciaturas da UFMA/Campus Codó que atuarão como monitores do projeto; por estudantes de mestrado, que atuarão como assessores técnico-pedagógicos, por professoras/es pesquisadoras/es das diversas áreas do conhecimento, que atuarão como docentes formadoras/es, atuando como co-construtores do conhecimento produzido; e, por Quebradeiras de coco residentes na comunidade Laranjeira, que constituirão as participantes da pesquisa.

A segunda fase desta etapa corresponde à seleção do grupo. Os critérios para a escolha da grupo são: ter Quebradeiras de coco com experiências escolares. Serão realizadas atividades



diagnósticas com as participantes e a elaboração do perfil do público-alvo para planejamento das ações.

A consolidação do projeto de pesquisa é a terceira fase dessa etapa. Ela acontecerá mediante a aprovação no âmbito da UFMA. Nessa etapa, serão realizados seminários formativos com a participação dos membros do comitê gestor para o planejamento com todo o grupo de trabalho colaborativo de forma presencial com leituras, discussões em grupo, e vivências relativas às práticas laborais das Quebradeiras de coco, com vista ao entendimento do percurso teórico-metodológico e dos procedimentos da pesquisa. Para atingir o primeiro objetivo de “conhecer os saberes tradicionais de Quebradeiras de coco babaçu”, durante esta fase, o grupo constituído pelas/os participantes do projeto irá realizar, de forma colaborativa o mapeamento dos saberes das Quebradeiras de coco, mediante a cartografia de saberes (OLIVEIRA, 2003; NERI, OLIVEIRA, 2019). Este momento envolverá observações, rodas de conversa e vivências relativas à quebra do coco, produção do azeite e sua comercialização. Faremos as primeiras observações com registro em diário de campo com a finalidade de conhecer o cotidiano das Quebradeiras e identificar os saberes envolvidos sobre quem são, o local onde vivem e o que fazem para sobreviver.

Durante a vivência, identificaremos e descreveremos os saberes e fazeres relacionados às práticas laborais. Nesse contexto, cartografar significa “procurar compreender a organização social dos lugares, saberes, práticas, relações e configurações socioespaciais que são produzidas e/ou que se reproduzem nos territórios existentes” (SILVA ET AL, 2011, p. 72). Esse método se torna necessário porque possibilita evidenciar os saberes das Quebradeiras de Coco na perspectiva decolonial, de maneira a proporcionar relacioná-los à alfabetização, assim como sua origem, história, a forma como são transmitidos entre as gerações e como são mobilizados em comunidades quilombolas. Com isso, nos propomos a analisar a produção, circulação e relação entre os saberes para mapeá-los e compreendê-los. Depois que os saberes estiverem identificados, analisados e historicizados em formato de inventário e, ainda de forma colaborativa, o grupo irá se dedicar ao diálogo entre saberes das Quebradeiras de Coco e os saberes escolares. Esse momento será mediado pela proponente e pelos docentes formadores.

Com vista a alcançar o segundo objetivo de “analisar como saberes tradicionais de Quebradeiras de coco babaçu podem engendrar práticas de alfabetização e letramento de modo transdisciplinar a considerar o processo de narratividade de suas histórias de vidas”, faremos uma seleção dos aspectos a serem investigados, pois antes de escolher os conceitos a serem trabalhados, é necessário partir das práticas sociais (FONSECA, 2005). Por isso, após estabelecidas as aproximações entre os saberes e respeitado os interesses do



grupo, procederemos à identificação dos conceitos a serem estudados e a metodologia que irá nortear as fases seguintes, utilizando princípios da Pedagogia Decolonial (WALSH, 2007), contemplando, assim a primeira etapa da pesquisa colaborativa. Esse momento acontecerá em formato de seminários formativos com os docentes formadores sobre alfabetização, EJA, Educação Escolar Quilombola e Quebradeiras de coco de modo a avançarmos para a etapa seguinte.

A segunda etapa do projeto acontecerá em seis meses e corresponde ao planejamento, execução e avaliação das práticas investigadas. Nela, nossa intenção será alcançar o terceiro objetivo de “associar atividades de produção de conhecimento e desenvolvimento profissional que considerem saberes tradicionais de Quebradeiras de coco”. Iniciaremos esta etapa com a primeira fase de planejamento e a elaboração das práticas de alfabetização e letramento envolvendo saberes escolares e tradicionais, a produção dos recursos didáticos, os conceitos investigados, as competências priorizadas, a definição dos métodos, sequências didáticas, atividades, a sistemática de planejamento e avaliação por meio de oficinas pedagógicas.

Com estes elementos definidos colaborativamente, avançaremos para a regência que será ministrada pela docente da turma, com o auxílio dos monitores, segunda fase dessa etapa. As aulas terão como referencial metodológico o diálogo e a conscientização em que as alfabetizandas serão consideradas protagonistas e envolverão diversas atividades como: aulas expositivas dialogadas; oficinas; seminários; dramatizações; exposições; músicas, jogos, poesias, trabalhos manuais, produções individuais e coletivas. As aulas acontecerão em espaços extra-escolares.

O processo de alfabetização será construído, considerando os saberes e oralidades das Quebradeiras de coco, de modo a desenvolver atividades de produção textual. Momento em que serão trabalhados os processos de aquisição da linguagem escrita tendo como referências os seus saberes e as suas histórias. Ressaltamos que o processo de alfabetização será construído juntamente com as Quebradeiras de coco, protagonistas desse estudo. Entre os recursos pedagógicos estão: mural didático, alfabetos móveis, cartazes e fichas de preenchimento; jogos educativos; quebra-cabeças; cédulas de dinheiro, ábacos, tecidos com estampas africanas, etc. Contudo, ressaltamos que a avaliação será processual e contínua.

A terceira fase dessa etapa corresponde à avaliação da aprendizagem, por meio de oficinas pedagógicas de avaliação da aprendizagem, aplicados ao término do período de regência levando em consideração a realidade da turma. Ressaltamos que a avaliação estará presente em todas as



atividades de regência, contudo, esse momento será reservado para compreender as aprendizagens ocorridas a longo prazo.

O grupo de trabalho colaborativo realizará a avaliação do processo ensino aprendizagem dos estudantes para saber se os objetivos foram alcançados. A terceira etapa acontecerá durante os três últimos meses e contém a avaliação geral das ações realizadas, a sistematização dos dados coletados e a produção do relatório final. Os dados obtidos na primeira fase esta etapa servirão como base para auto avaliação e avaliação do projeto.

A avaliação acontecerá de texto dissertativo produzido por cada componente da equipe colaborativa. Os textos serão socializados com todo o grupo de trabalho colaborativo. Na segunda fase dessa etapa, os dados coletados e registrados mediante fotos, gravações e anotações em diários de campo, os textos estudados, o planejamento e as atividades aplicadas serão sistematizados e compilados em um portfólio constituindo o acervo do projeto. Todos os componentes do grupo de trabalho participarão da redação do relatório, na terceira fase dessa etapa, seguindo as características da pesquisa descritivo-analítica.

Estes serão utilizados como fonte para composição de uma produção bibliográfica sobre os saberes das Quebradeiras de coco, com a coautoria das participantes. Além disso, o grupo de trabalho terá a possibilidade de organizar um seminário temático com os dados obtidos durante a realização do projeto para disponibilizar para as comunidades atendidas, órgãos públicos, parceiros e toda a comunidade acadêmica bem como para a sociedade em geral, como culminância do projeto de pesquisa, de modo a alcançar o quarto objetivo específico de “promover ações afirmativas que despertem equidade racial na Educação Básica em Laranjeira/MA”.

A carga horária total, o turno, dias e horários destinados ao projeto serão definidos em conjunto entre a UFMA e a comunidade Laranjeira considerando as necessidades, a organização das atividades previstas e a disponibilidade dos membros do grupo de trabalho colaborativo. A solicitação de autorização e participação ocorrerá mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização do uso geral de imagem, som da voz e nome em conformidade com o que preceituam a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que dispõem sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam seres humanos. Os participantes serão informados sobre sua participação na pesquisa, tal qual descrita na metodologia desse projeto, bem como sobre os riscos e benefícios, sigilo, privacidade e autonomia para decidir onde, quando e como participar. Ressaltamos, ainda, a observância das regulamentações sobre o enfrentamento da situação de emergência de saúde



pública, considerando o disposto nos seguintes documentos: Medida Provisória nº 934/2020, Lei nº 13.979/2020, Portaria MEC nº 544/2020 e Resolução Nº 2.078-CONSEPE de 17 de julho de 2020, bem como suas atualizações.

5 CRONOGRAMA

Abaixo encontram-se expostas as etapas deste trabalho investigativo bem como os prazos e períodos em que deverão desenvolver-se:

	S E T E M B R O	O U T U B R O	N O V E M B R O	D E Z E M B R O	J A N E I R O	F E V E R E I R O	M A R Ç O	A B R I L	M A I O	J U N H O	J U L H O	A G O S T O
ATIVIDADES	2022	2022	2022	2022	2023	2023	2023	2023	2023	2023	2023	2023
1º ETAPA: Consolidação do projeto, da equipe executora e dos monitores	X											
2º ETAPA: Planejamento e desenvolvimento das atividades		X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Vivência, coleta de informações e a construção dos dados		X	X	X	X	X	X	X	X	X		
3º ETAPA: Avaliação das ações do projeto e da aprendizagem							X	X	X	X	X	
Envio do relatório parcial					X							
Análise dos dados						X	X	X	X	X		
Seminário temático												X
Envio de relatório final												X
Certificação												X



6 METAS ESPERADAS

Dentre as metas que esperamos alcançar com este projeto, podem-se citar:

- Propiciar o empoderamento feminino negro;
 - Contribuir para a superação das desigualdades étnicas;
 - Desenvolver práticas pedagógicas de alfabetização e letramento que articulem saberes escolares e tradicionais;
 - Fomentar a articulação entre a produção de conhecimento e o desenvolvimento profissional de professores;
 - Oferecer uma formação transdisciplinar aos acadêmicos da UFMA/Campus Codó;
 - Compor juntamente com as Quebradeiras uma produção bibliográfica e/ou audiovisual sobre seus saberes;
- Socializar conhecimentos adquiridos em congressos, eventos e similares com publicações e trabalhos dos acadêmicos;
- Difundir os saberes de Quebradeiras de Coco babaçu como constituintes de uma epistemologia, podendo ser mobilizados durante a alfabetização por meio de uma pedagogia decolonial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, A. W. B. Terra de preto, terras de santo, terras de índio uso comum e conflito. In: **Terra de Quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundo de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. 2. ed. Manaus: PGSCA – UFAM, 2008.

ARROYO, M. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L. GIOVANETTI, M. A. GOMES, N. L. **Diálogos na Educação de Jovens e adultos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. et al. **Educação e Cidadania**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. et al.(Org.) **Por uma educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ARRUTI, J. M. Conceitos, normas e números: uma introdução à Educação Escolar Quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 12, n. 23, p. 107-142, jan/abr de 2017.



BRASIL. **Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004.** Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT sobre povos Indígenas e Tribais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2004.

_____. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e comunidades tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2007.

CALDART, Roseli Salete et al.(Org.) Por uma educação do Campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CODÓ. **Plano Municipal de Educação.** LEI Nº 1.727, DE 23 DE JUNHO DE 2015. Dispõe sobre o Plano Municipal de Educação – PME de Codó, e dá outras providências.

DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a idéia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Minas Gerais: Editora UFJF: 2010.

_____. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba: 2008.

FERREIRA, S. R. B. Verbete Quilombolas. In. CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001A.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Centauro, 2001B.

_____. **Ética, utopia e educação.** 8 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FONSECA, M. C. F. R. **Estudos sobre numeramento: conceitos e indagações.** In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 8, SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2, 2005, Campinas. Resumos. Campinas: ALB, 2005.

GERDES, Paulus. **Geometria dos Trançados Bora na Amazônia Peruana.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

_____. & Djebbar. **A History of Mathematics in África: AMUCHMA 25 Years.** 2 volumes. Morrisville NC: União Matemática Africana & Lulu: 2011.

GOMES, N. L. **Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça.** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

GOMES, A. A. M. **Aprender Matemática na Educação de Jovens e Adultos: a arte do sentir e**



dos sentidos. 2012. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

IBGE - PNAD Contínua 2018 - Educação. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-nobrasil/#:~:text=A%20taxa%20de%20analfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20mais,750%20milh%C3%B5es%20permanecem%20nessa%20situa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2003.

_____. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

NERI, Isabell Theresa Tavares. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Interculturalidade Crítica: aprender a decolonizar a Educação com saberes de mulheres ribeirinhas da Amazônia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 4 N. 3 – p. 655-678, out/2018 – jan/ 2019.

OLIVEIRA, I. A. de. **Cartografia ribeirinhas: saberes e representações sobre as práticas sociais cotidianas de alfabetizandoos amazônidas**. Belém: EDUEPA, 2003.

PÉREZ, A. Z. Interculturalidad y Decolonialidad. **Tabula Rasa**. Bogotá, n. 20, p. 91-107, enero-junio, 2014. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-20/05-Zarate.pdf>>. Acesso em: 21 de jul. 2019.

PORRO, N. et al. Conflitos sócio-jurídicos: a implementação das convenções internacionais e a transmissão de conhecimentos tradicionais. **Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 11, n. 02, p. 113-140, 2009.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americana. Buenos Aires: Clacso:2005. p. 227-278.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4e. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina: 2009. p. 23 -72.

SANTOS, Eliane Costa. As Ticas da Matema de algumas etnias africanas: suporte para a Decolonialidade do Saber. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 88-112, jan. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível



em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/531>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

SILVA, Maria das Graças et al. Cartografias e método(s): outros traçados e caminhos metodológicos para a pesquisa em educação. MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TEIXEIRA, Elizabeth (Orgs). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

SHIRAISHI NETO, J. **Leis do Babaçu Livre**: práticas jurídicas das quebradeiras de coco babaçu e normas correlatas. Manaus: PPGSCA/UFAM/Fundação Ford, 2006.

WALSH, C. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: **Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 17-19 de abril de 2007.